



TOCHA



ALERTA VERMELHO NA TE

PRECARIZAÇÃO E FALTA
DE EFETIVO AUMENTAM
RISCOS DE ACIDENTE
NA REVAP

PRECARIZAÇÃO DA TE ESTÁ COLOCANDO EM RISCO A SEGURANÇA NA REVAP

A Transferência e Estocagem (TE) da Revap está passando por uma fase de precarização das condições de trabalho que expõe a riscos a população da refinaria e toda comunidade do entorno, já que o potencial de acidentes no setor é extremamente elevado.

A diminuição de efetivo, que fere o método de quantificação elaborado pela própria empresa e, conseqüente, gera a sobrecarga de tarefas no turno, são os elementos de uma reorganização que representam um retrocesso nas condições de trabalho e segurança.

O atual gerente, responsável pelo sucateamento do setor, aposta no assédio para tentar fazer com que os empregados aceitem a condição.

Redução de efetivo

A Operação e a Manutenção da TE, que funcionavam com efetivo dedicado por conta das longas distâncias do setor e da necessidade de preservar a segurança e o planejamento das tarefas, foram drasticamente reduzidas.

A equipe de manutenção que, segundo o método OM da empresa, precisava ter ao menos cinco pessoas (GPI, emissão de PT e três TO's liberando PT na área) foi dizimada pelo atual gerente.

Com isso, todo o trabalho foi empurrado para os grupos de turno e a operação relata que o risco de um acidente é iminente. Ninguém está se sentindo seguro.

Na TE, um único Técnico de Operação é responsável por, ao menos, duas áreas de tancagem, além de toda a rotina de checklist/amostragem e manobras de alinhamento, que possuem uma importante interface com as unidades de produção. Com isso, é



impossível ter tempo para cumprir as tarefas de rotina e ainda estar à disposição para atender demandas não programadas do SDCD, condição fundamental para evitar paradas emergenciais e garantir a continuidade segura da produção.

Quando o tempo de trabalho da operação foi cronometrado para definição do efetivo no método OM, na Operação de Área da TE, verificou-se que aproximadamente 80% do tempo era consumido em tarefas rotineiras. Sendo assim, sobra pouco para programação e organização das atividades e preservação das ferramentas de trabalho, além do atendimento das formalidades obrigatórias, como preenchimento de relatórios e atendimento às exigências dos padrões básicos operacionais.

Desorganização do trabalho

A desorganização do trabalho, a partir do desmonte do grupo de manutenção, pressiona os Técnicos de Operação, que precisam decidir quais atalhos pegar para dar conta da sobrecarga de traba-

lho. *“É pra fazer o que der”*, este é o lema da atual gestão da TE. Seguindo a cartilha do governo Bolsonaro: os métodos científicos de divisão do trabalho que se explodem!

Estresse é fator de risco

Um único TO chega a rodar mais de 50 quilômetros por dia. Algumas ocorrências têm relação direta com a fadiga e a falta de tempo para programar a rotina. Como exemplos, temos o vazamento recente em um dreno de um tanque de gásóleo e um guindaste que ficou aguardando a liberação de PT por pelo menos dois dias. O estresse e o cansaço de todo efetivo do setor estão no limite.

O Sindicato organizará reuniões com o efetivo do setor, para que possamos resistir a este desmonte.

Chamamos à responsabilidade o Gerente Geral da refinaria, que permite esse absurdo, e do Gerente de SMS, que pouco se preocupa em fazer a gestão propriamente dita. Segurança é coisa séria! A vida em primeiro lugar!

REDUÇÃO DO EFETIVO E JORNADA ELEVADA SOBRECARRREGAM TE

Com efetivo cada vez menor e o aumento da jornada de oito para 12 horas, o cansaço e o risco de acidentes na Transferência e Estocagem (TE) só aumentam.

As rotinas diárias, que antes eram divididas entre três grupos, agora são realizadas por dois.

Obviamente, um maior número de tarefas com um tempo elevado de jornada pressupõe um cansaço superior. E como a organização do setor não avança, o risco de acidentes aumenta e muito!

Mesmo com dois gerentes e pelo menos três coordenadores, o setor não foi capaz de pensar uma maneira para garantir uma operação segura.

Com a extinção da equipe dedicada para manutenção, o checklist do início de turno, essencial para evitar acidentes, ficou prejudicado.

Um único TO é responsável pelo checklist de duas áreas, distantes quilômetros entre si, e ainda tem de atender as frentes de trabalho na liberação das Permissões para Trabalho. Não é preciso ser muito inteligente para saber que o checklist fica prejudicado e o risco de acidentes se torna real. Mas os gerentes da TE, seus coordenadores e o gerente de SMS fingem que não veem.

O mesmo acontece no fim da jornada, quando os relatórios para a passagem de turno precisam ser preparados. A demanda para "dar baixa" nas Permissões de Trabalho atravessa a faixa de rádio, que vira uma torre de babel.

Os TO's são impedidos de revisar a lista de tarefas e, assim, garantir uma passagem segura. Lembrando que quando havia duas equipes (operação e manutenção), a faixa de rádio também era separada. Mais um gol contra da gestão.



Em setembro, a falta de gestão adequada após a explosão do teto de um TQ- 42302\01, seguida de vazamento de GOR, levou a um grande incêndio que atingiu outro tanque. Na época, a empresa chegou a ocultar o vazamento.

Parece que os gerentes e coordenadores estão agindo como pombos que não respeitam nem corrimão de escada: é cagada para todo lado.

Painel

Os operadores do Painel também trabalham sobrecarregados.

Com o excesso de indicações falsas, alarmes e com a rede de válvulas funcionado pouco ou quase nada, toda essa desorganização influencia no cotidiano de quem está operando o SDCD.

Toda essa situação é preocupante e precisa ser revertida antes que o pior aconteça!

FALTA DE MANUTENÇÃO AGRAVA RISCOS

A falta de manutenção já se tornou um problema crônico no setor, o que coloca em risco a segurança dos petroleiros.

A rede de válvulas remotas da A-322 é um deles. As promessas vão se acumulando há quase uma década. A equipe de operação segue fazendo milagre e os gerentes vão empurrando com a barriga.

O sistema de cal da ETDI é outro exemplo. Apesar das promessas da empresa, os TOs seguem tendo de fazer a dosagem sem condições ergonômicas adequadas e carregando sacos de cal nas costas.

A Instrução Operacional (IO) está cheia de pérolas. Podemos destacar a Bomba de GLP, MB-32501 C, que está operando sem um "prisoneiro", o que em outros tempos levaria à parada da bomba para manutenção. O risco de acidente é grande.

O último acidente fatal da refinaria também foi na Transferência e Estocagem. Diversos erros de gestão foram apurados pelo Sindicato, mas a empresa tenta culpar o trabalhador que perdeu a vida. Apesar disso, toda força de trabalho sabe quem foram os verdadeiros responsáveis.

SISTEMA DE CONSEQUÊNCIAS VISA CULPAR TRABALHADOR POR ACIDENTES



Ao invés de resolver os problemas, a empresa tenta empurrar a culpa da má gestão para o trabalhador, com a instrumentalização do sistema de consequências.

Em qualquer situação, a análise dos gestores busca saber o comportamento do trabalhador envolvido. Uma análise abstrata, com o único intuito de achar um culpado e que desconsidera a sobrecarga, a falta de treinamento (os cursos de aper-

feiçoamento foram extintos) e a pouca qualidade da atual gestão.

Alguns supervisores mais experientes perderam o cargo por não concordar com o desmonte do setor. O atual gerente setorial faz ameaças veladas aos trabalhadores, uma postura digna do século XIX.

A força de trabalho está cada vez mais cética com a possibilidade de a liderança compreender a situação a que estão submetidos.

O QUE PRECISA MUDAR NO SETOR

- **Rede de Válvulas:** todas as áreas de tançagem estão com problemas. Após seis meses de manutenção na rede da A-322, o problema permanece!

- **Os tanques de RV (TQ-42301 e 03)** que foram danificados no evento do TQ-42302, voltaram a operar com todas as válvulas operando pelo campo. É menos segurança e mais trabalho para o TO da área.

- **O tanque de GOR** (diluyente para CAP), também voltou a operar sem um planejamento adequado e com o teto avariado. Agora temos uma bomba pneumática sobre o teto do tanque para remover a água de chuva que se acumula na deformidade do teto fixo do tanque. É a famosa gambiarra. Alô, pessoal do SPIE!

- **Área de GLP:** três das cinco esferas do "lado novo" estão impedidas de operar, pois as válvulas do "paredão" não funcionam.

- O Gerente exigiu prioridade em um levantamento dos CAPs de todos os drenos e vents da área, para garantir que estão no novo padrão. Este trabalho já havia sido realizado pelos TOs, mas por falta de gestão adequada dos relatórios, a gerência manteve a exigência, gerando retrabalho. Ou seja, gestão não tem ideia do que está fazendo!

- Exigência de alinhamentos não convencionais sem planejamento adequado, por conta das necessidades do mercado na pandemia. Um exemplo é o setor tem armazenado Diesel direto da produção em tanque de gásóleo (TQ-42226). Querosene no tanque de diluyente (TQ-43307), entre outros absurdos. São situações que exigem muito cuidado, porém, com a redução do efetivo e a sobrecarga de trabalho, a saída encontrada pela gestão foi empurrar a responsabilidade para os TOs da área, através das Análises de Risco Operacional.



PETROLHEIRO

Armário apertado

Os armários disponíveis para os operadores do setor são muito pequenos. Essa demanda já fez aniversário e nada da gestão resolver. É impossível organizar os EPI's, ferramentas de trabalho e vestimentas de maneira adequada. Alô, Gerência Geral!

Tempo perdido

O abastecimento do carro agora é realizado fora da refinaria. Com isso, os TOs perdem muito tempo fazendo a troca para disponibilizar o carro para que o setor responsável faça o abastecimento. Tem área em que um tanque não dura dois dias. Os TOs já estão sobrecarregados e a empresa tem que resolver isso!

Falta treino e experiência

Nos últimos anos, uma marca da gestão do setor Transferência e Estocagem é, por um lado, a desvalorização daqueles que têm experiência técnica mas não aceitam o sucateamento do setor e, por outro, o favorecimento daqueles que dizem amém. Um absurdo que sabemos no que vai dar.